

Marx: intérprete e vítima da modernidade?

João Feres*

Marshall Berman. *Adventures in Marxism*. Verso, Nova York, 1999.

Adventures in Marxism chega às livrarias americanas quase duas décadas após o lançamento de *All that is Solid Melts into Air* (Tudo que é sólido desmancha no ar). O livro é uma coletânea de ensaios, uma retrospectiva da produção acadêmica de Berman durante o longo hiato que separa a publicação desses dois livros. A introdução e o capítulo final são textos originais compostos especialmente para o livro, os outros doze capítulos já apareceram em outras publicações na forma de artigos e resenhas. Um dos capítulos, *Marx, Modernism and Modernization* foi extraído do próprio *Tudo que é sólido*.

O texto como um todo é consistente e resiste bem às forças centrípetas que ameaçam fragmentar qualquer coletânea. Mais uma vez Berman mostra que escreve como poucos no meio acadêmico. O autor é mestre em envolver o leitor nas tramas do texto, através de uma mistura bem dosada de inspiração argumentativa, inovação interpretativa e emotividade narrativa. Com a nítida intenção de apagar a fronteira que separa o texto acadêmico do literário, Berman faz uso da idéia de *Bildung*, emprestada do romantismo alemão, para analisar autores como Georg Lukács, Isaac Babel, Meyer Shapiro, Walter Benjamin e Studs Terkel. Esse método permite traçar paralelos e relações entre as histórias de vida dos autores e as contradições e ambigüida-

des expressas (ou reprimidas) em suas obras. A tragédia da vida pessoal gera sofrimento mas também conhecimento, desenvolvimento individual.

Onde estaria Marx no meio disso tudo? Existe um contexto comum à vida dos personagens trágicos visitados por Berman: a modernidade. Para o autor, Karl Marx é o seu melhor intérprete. Porém, o Marx apresentado por Berman não é só um perspicaz analista de seu tempo. Ele é também vítima, sujeito às penúrias de uma vida pobre de exilado, atormentado pelas incertezas do projeto revolucionário e ambíguo em relação a sua ascendência judaica. De fato, todos os autores apresentados no livro, incluindo o próprio Berman, são engolfados pelo torvelinho da modernidade: tudo que é sólido desmancha no ar. Para Berman essa é muito mais que uma passagem do *Manifesto* ou um título de livro, é de fato o *leitmotiv* da própria modernidade.

Adventures é marcado por uma certa circularidade narrativa e temática. Berman começa o livro contando sua própria aventura com o marxismo, que também é uma aventura com a modernidade. Em seguida ele narra as aventuras marxistas/modernas de outros autores, que por seu turno elaboraram outras narrativas sobre Marx e a condição moderna. Autores e objetos se confundem.

* Mestre em Filosofia pela Unicamp

Os círculos podem ser “lidos” em paralelo — Marx, Berman, os marxistas, e talvez o leitor enfrentando cada um suas aventuras modernas – ou de forma concêntrica; o leitor lê a aventura de Berman que se inspira nos marxistas que, por seu turno, se inspiraram em Marx.

Mas afinal de contas, em que consiste essa tal modernidade? Quem leu *Tudo que é sólido...* já sabe a resposta, ela está lá em quase todas as páginas do livro. A modernidade é o estado de coisas criado pelo advento do capitalismo, ou seja, um produto da revolução burguesa. Berman usa Marx para celebrar os dotes revolucionários da burguesia, a classe que aniquilou velhas tradições e instituições sociais, criou uma capacidade produtiva sem igual e abriu possibilidades infinitas para o desenvolvimento humano. Paradoxalmente, a revolução contínua da modernidade capitalista produz miséria e opressão para muitos, o que acaba por reduzir suas possibilidades de desenvolvimento individual. Esta ambigüidade característica do capitalismo é, para Berman, o espírito da modernidade.

Berman é um arauto da modernidade e, como tal, não quer destruir sua ambigüidade fundamental. Por essa razão uso o termo ambigüidade e não contradição, palavra que no vocabulário marxista corresponde a uma tensão dialética que aponta para uma resolução. Pelo contrário, para Berman parece não haver resolução. O autor dá mostras de ser crítico severo das teorias e experiências revolucionárias anticapitalistas. Sem o capitalismo a modernidade perderia o motor da “revolução perpétua”, quer dizer, deixaria de ser modernidade. Chegamos aqui ao lado menos claro e mais problemático do pensamento de Berman. Parte

desses problemas o autor herdou do próprio Marx, que também exagera na descrição do caráter revolucionário da classe burguesa e minimiza o uso que essa mesma classe faz de formas de discriminação e opressão tradicionais. A miopia de Marx, porém, deve ser em parte descontada pelo fato de ele ter vivido na aurora do capitalismo industrial. O mesmo não pode ser dito da de Berman, que trata os capitalismos do início do século XIX e do final do século XX de maneira quase indistinta, como se o que foi dito para um valesse para o outro. Ora, um século e meio passados da redação dos *Manuscritos econômicos e filosóficos*, não podemos nos permitir ser tão ingênuos. A imutabilidade com a qual o capitalismo é tratado pelo pensamento bermaniano recende à escatologia, não à marxista mas à noção de “fim da história” criada pelo liberal Francis Fukuyama. Berman, no entanto, substitui a celebração por um tom mais trágico.

À deficiência histórica da análise de Berman está associada um problema geográfico. Apesar de imortal, o capitalismo, para ele, ainda não completou o seu trabalho aqui na Terra. Somente os EUA e a Europa ocidental são de fato capitalistas e, portanto, plenamente modernos. O resto do mundo, ou seja, o Terceiro Mundo, está ainda à espera da redenção. O autor parece ignorar que muitos lugares do tal Terceiro Mundo já estão em contato com o “capitalismo modernizante” há séculos, e que esse contato muitas vezes é responsável pela reprodução da pobreza e da miséria naqueles lugares. Uma passagem no capítulo sobre Marx e o marxismo revela o quão problemática é essa concepção. Após festejar o realismo fantástico latino-ame-

ricano como gênero literário eminentemente moderno, o autor diz que esse mesmo modernismo é a razão pela qual esses autores são perseguidos pelos governos de seus países e obrigados a se exilar na Europa e nos EUA. Segundo Berman, os governos autoritários (leia-se, pré-modernos) tentam banir o modernismo a qualquer custo. Porém, diz o autor, o progresso do capitalismo em escala mundial vai forçar esses governantes a aceitar a modernidade. Ora, o fato de os governos autoritários da América Latina terem sido pró-capitalismo e terem contado com o apoio do governo e dos capitalistas americanos para reprimir as manifestações culturais “modernas” parece escapar ao autor. Tristemente, se olharmos de perto, a concepção de Berman não dista muito daquela dos teóricos americanos da modernização dos anos 50 e 60. Para eles, o problema do “Terceiro mundo” é falta de capitalismo. Essa é uma doutrina de fazer o jovem Fernando Henrique remexer no túmulo.

Tudo que é sólido... está agora em sua 19ª edição. É com certeza um dos livros acadêmicos de maior sucesso na história do mercado editorial brasileiro. Se traduzido e publicado, *Adventures in*

Marxism talvez consiga aproveitar um pouco do sucesso do livro anterior. O momento histórico de hoje, porém, é bem diferente daquele do início dos anos 80. Se naquela época a leitura original que Berman faz de Marx servia de inspiração para a esquerda descontente com o conservadorismo e o autoritarismo dos stalinistas, hoje os mesmos argumentos, repetidos em *Adventures*, soam como loas ao capitalismo imperialista do consenso de Washington. Ao fim do livro Berman festeja a globalização, dizendo que ela produziu meios para as pessoas se comunicarem em escala mundial, criando uma cultura global através do cinema, do vídeo e da música. Esqueceu-se de dizer que o indivíduo precisa saber inglês para desfrutar de toda essa “riqueza” cultural, composta na sua maioria de filmes roliudianos, videocliques da MTV e *Sitcoms* americanos. O contraste entre o enriquecimento sem limites dos EUA e o empobrecimento dos países do Terceiro Mundo, outro produto da globalização, é sequer citado por Berman. Talvez porque esse fenômeno seja apenas mais uma operação necessária da máquina da modernidade, que a tudo desmancha no ar.